

**História para quê?
A construção do conhecimento em
Comunicação e as contribuições dadas pela
História e pela teoria historiográfica**

**Do we need History?
The construction of knowledge in
Communication and the contributions made
by History and historiographical theory**

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



CLARICE GONTARSKI SPERANZA¹

RESUMO

O relato de experiência apresenta uma reflexão acerca das possíveis contribuições que o ensino da História e a discussão em torno de aspectos específicos da teoria historiográfica podem trazer aos alunos de Comunicação, em especial do Jornalismo. Bem além do (necessário, porém restrito) ensino da História da Imprensa e da Comunicação, o debate acerca da interdisciplinaridade de conceitos como representação, memória, imaginário, objetividade e testemunho (fonte) é capaz de aglutinar e fazer avançar discussões caras tanto ao campo da Comunicação quanto da História. Da mesma forma, a discussão auxilia na reflexão ética do futuro profissional, na medida em que amplia a perspectiva social e teórica deste ainda nos bancos acadêmicos. O presente trabalho apresenta aspectos de experiências de ensino da História e de Teoria da História junto a alunos de Comunicação, estratégias empregadas, impasses e soluções construída.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. História. Ensino.

ABSTRACT

The experience report focuses on the possible contributions that the learning of History and the discussion around specific aspects of historiographical theory can bring to Communication students, in especially those of Journalism. The debate about interdisciplinary concepts such as representation, memory, imagination, objectivity and witness (sources) can develop and connect important discussions both to Communication as to History, far beyond the (necessary but restricted) contents like History of the Press and Communication. Likewise, the discussion assists in ethical understanding of the forthcoming professionals, as it increases his social and theoretical perspective even in academic banks. This paper presents an experience of teaching History and Theory of History to Communication students, and discusses strategies, deadlocks and solutions.

KEYWORDS

Journalism. History. Education.

Recebido em: 16/08/2013. Aceito em: 11/08/2014.

¹ Pós-doutoranda em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em História pela UFRGS. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela UFRGS. E-mail: clarice.speranza@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8747056053837544>.

1 INTRODUÇÃO

Interdisciplinaridade é um daqueles aplaudidos conceitos cuja realização prática é bem mais difícil do que sua defesa teórica. Ainda mais em tempos atuais, de definição de campos acadêmicos e territórios intelectuais, movimento que acompanha a expansão do ensino superior no país. Apesar de vista com simpatia nas rodas acadêmicas, a interdisciplinaridade enfrenta obstáculos nada desprezíveis para sua realização: currículos, definições bibliográficas e até mesmo concursos para ingresso de docentes nas instituições de ensino tendem a privilegiar, evidentemente, o campo no qual se constituem. Nadando contra essa corrente, o objetivo deste texto é justamente propor uma aproximação interdisciplinar entre Comunicação e História, tanto em termos teóricos quando em atividades práticas em sala de aula.

A motivação do tema nasce obviamente do meu interesse e experiência pessoal, na medida em que, como jornalista com pós-graduação em História, acredito firmemente na necessidade do comunicador alargar sua bagagem intelectual por outros campos, em especial as Ciências Humanas. Em relação especialmente ao jornalismo, sempre me recordo da expressão cunhada por Jean-Pierre Rioux (1999, p. 120), para quem jornalistas e historiadores moldaram suas profissões separadamente e “delimitaram seus respectivos territórios numa indiferença recíproca.” O jornalista, prisioneiro do presente, escreveria para o esquecimento, vencendo “a angústia da pequena morte diária” (1999, p. 120), enquanto o historiador buscaria dar sentido aos acontecimentos, inserindo-os na cadeia de um tempo significativo. Essas barreiras, observa o autor, se esfumam e até certo ponto desaparecem a partir dos anos 1960 na França.

No Brasil, ao contrário, a separação entre jornalistas e historiadores aumenta a partir da reforma universitária do início dos anos 1970, quando são criadas as faculdades de Comunicação e o ensino do Jornalismo se desliga das faculdades de Ciências Humanas, cujo foco de agitação militante preocupava os ideólogos do regime militar. Desde então, com seus confrades da Publicidade e das Relações Públicas, o Jornalismo constitui o campo da Comunicação que, se hoje já não é mais novo, comporta um intenso crescimento acadêmico. Novas pesquisas, novas áreas de estudo e, sobretudo, novos cursos pipocam dia a dia

História para quê?

A construção do conhecimento em Comunicação e as contribuições dadas pela História e pela teoria historiográfica

no país, estimulados pelo visível interesse da sociedade nacional no papel social, político e cultural dos meios de comunicação de massa e também pelo aumento constante do número de alunos.

Nessa trajetória, porém, a Comunicação se afastou especialmente da História. Enquanto o diálogo foi mantido com setores da Sociologia e da Antropologia, em face de estudos coincidentes nas áreas de Teoria da Comunicação ou Cultura, a História tornou-se, progressivamente, nas faculdades de Comunicação, uma História restrita – uma História da Imprensa, ou das Relações Públicas ou da Publicidade e Propaganda. Conceitos historiográficos ou temas mais amplos de História foram, em geral, esquecidos. Mais recentemente, com a produção de autores como Marialva Barbosa e Ana Paula Goulart Ribeiro,² a teoria historiográfica voltou a povoar de maneira afirmativa, as estantes da Comunicação, auxiliando muitos alunos e professores a ampliarem seus horizontes e repensarem conceitos. Recentes estudos envolvendo o conceito de acontecimento também buscam interligar teoricamente os dois campos (PONTES; SILVA, 2010).

Autores tradicionais da História, como Peter Burke e Roger Darnton não são estranhos às bibliografias de disciplinas em faculdades de Comunicação.³ Na prática profissional dos comunicadores, o interesse pela disciplina é mais visível e se manifesta na crescente publicação de livros históricos escritos por jornalistas e também na criação, em empresas e instituições, de programas de preservação da memória e história oral ligados a setores de Comunicação Social.

Este artigo pretende contribuir no sentido de alargar essa nascente transformação. Ele está estruturado em duas partes, além da introdução e da conclusão. Em primeiro lugar, ensaio uma reflexão sobre a circularidade de alguns conceitos e temas, como representação, memória, objetividade e fonte para os campos da Comunicação e da História, mostrando os pontos de contato e de separação entre eles. A seguir, apresento o relato de uma experiência prática de discussão de temas históricos e historiográficos com alunos de

² Destaco obras como Barbosa (2010), Barbosa (2007a), Barbosa (2007b), Ribeiro e Herschmann (2008).

³ Em especial obras como Briggs e Burke (2006) e Darnton (2010).

Relações Públicas, Jornalismo e Publicidade e Propaganda, vivida por mim durante quatro semestres na disciplina *Seminário de História e Comunicação*, ministrada na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul entre 2006 e 2008. Finalizo com uma reflexão acerca da necessidade da ampliação da perspectiva social e histórica dos estudantes de Comunicação, essencial para sua formação ética como profissionais e cidadãos.

2 CONCEITOS PRÓXIMOS

Basta evocar algumas reflexões clássicas sobre a teoria da História para notar a sua imediata similaridade às discussões atinentes à teoria da Comunicação. Para Paul Veyne, “como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página” e apreende os eventos do passado sempre de forma incompleta através de indícios (2008, p. 11-12). Se trocássemos a palavra “história” por ‘notícia’, a frase seria igualmente verdadeira. Hobsbawm, por sua vez, salienta que aquilo que é definido oficialmente como passado “é e deve ser uma seleção particular da infinidade daquilo que é lembrado ou capaz de ser lembrado.” (1998, p. 23). Acaso também não exercem esse poder de seleção a Publicidade e as Relações Públicas, na sua construção diária do presente? A Comunicação hoje é a História em seu fazer-se.

Em se tratando de questões teóricas de fundo, as relações são ainda mais evidentes. Mesmo antes dos tempos de predominância da teoria semiológica como principal vertente de estudos da Comunicação (com a tríade básica saussureana signo-significante-significado), a representação da realidade social pelos meios tem atraído a atenção de especialistas da área. Caminho previsível, haja vista que a construção de imagens sobre o real é o principal ofício do comunicador.

Mesmo em território mais recente, o do *newsmaking*, parte-se da ideia da notícia como um processo organizado, que implica em uma perspectiva prática sobre os eventos – distante, portanto, da teoria do espelho, que entende a representação criada como reflexo *ipsis literis* do que aconteceu. Os estudos sobre “distorção involuntária”, por sua vez, dedicam-se a comparar a imagem

História para quê?

A construção do conhecimento em Comunicação e as contribuições dadas pela História e pela teoria historiográfica

da realidade social fornecida pela mídia com a organização e a produção rotineira dos aparatos de Comunicação, mostrando como a lógica dos meios estrutura a representação dos acontecimentos retratados (WOLF, 2008).

A noção de representação é também crucial junto à História. A discussão sobre a própria disciplina como representação é sempre realçada ao lembrarmos um dos pioneiros da História em moldes científicos – o alemão Leopold Von Ranke (1795-1886), para quem o papel do historiador seria mostrar o passado como realmente ocorreu (*wie es eigentlich gewesen ist*). Na sequência, a progressiva expansão dos estudos historiográficos motivou uma profunda reflexão sobre a História como *narrativa* de um tempo perdido, passado, diversa da História como o passado em si. Passou-se a compreender o trabalho do historiador como a produção de uma representação que se insere em um jogo de substituições movida por uma ilusão referencial (está no lugar do passado, não é o passado, mas é compreendido como se fosse).

296 | O estudo do conceito de representação no âmbito da História não se relaciona apenas à análise do próprio fazer histórico, mas também toma corpo para ampliar o conhecimento em relação às práticas sociais. A título de exemplo de trabalhos com possíveis pontos de conexão com a Comunicação, podemos citar brevemente a obra de Roger Chartier. Escrevendo sobre o conceito de representação, o historiador francês observa que as formas de teatralização da vida social no Antigo Regime visavam a fazer com que o real não tivesse existência senão na imagem que o exibia. A representação, assim, mascarava “ao invés de designar adequadamente o que é seu referente.” Desviada de sua função primeira de evocar uma ausência, a representação “transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, em um instrumento que produz uma imposição interiorizada.” Impossível não imaginar um possível vínculo teórico com a análise da sociedade midiática de hoje – é o *Big Brother* que vem imediatamente à mente diante da ideia de “coisas que não tenham existência senão na imagem que a exhibe.” (2002, p. 75).

Muitos outros temas caros à História apresentam uma inegável intersecção com as problemáticas com as quais se defronta o comunicador, como as questões da memória, da objetividade e das fontes (testemunhos). A memória, no entender de Pollak, é constituinte do sentimento de identidade,

tanto individual quanto coletiva (1992, p. 204). Assim, o trabalho de solidificação de uma identidade e de um passado comum passa pelo processo de enquadramento da memória, que envolve um controle por parte de alguns agentes sociais sobre a “versão correta” de determinados acontecimentos (POLLAK, 1989, p. 12). Processo de enquadramento do qual o comunicador é tanto agente quanto paciente.

A metodologia da História Oral, por sua vez, esgarça o sentido da objetividade, ao ver a memória construída socialmente como ‘fato’, ou seja, passível de alicerçar e provocar transformações materiais. Ou, nas palavras de Verena Alberti, a riqueza da História Oral “está em ser um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado *tomados como dados objetivos*, capazes de incidir (e agir, portanto) sobre a realidade e sobre nosso entendimento do passado.” (ALBERTI, 2004, p. 42, grifo do autor).

A apreensão da memória como dado objetivo poderia contribuir em uma discussão importante no campo da Comunicação, referente à objetividade, subjetividade e intersubjetividade jornalística, na medida em que questiona os limites entre os dois primeiros. Por outro lado, o debate a respeito da utilização de depoimentos (ou testemunhos, no jargão historiográfico) na construção do texto jornalístico só tem a ganhar com as discussões empreendidas no campo da História Oral (e vice-versa, é claro). Como já afirmei em artigo anterior,

um dos mecanismos que garantem a autoridade do jornalista sobre o vivido é o que oculta seus procedimentos de crítica sobre o testemunho, apropriando-se de sua autoridade sobre o passado, mas tornando-o aparentemente transparente ao público. (SPERANZA, 2006, p. 247).

A discussão mais aberta dos critérios e processos de crítica (ou edição, no jargão jornalístico) sobre o relato das fontes, bem como a publicização do processo de trabalho na Comunicação representariam um importante quebra de paradigma no sentido de uma democratização efetiva da produção dos meios de comunicação social.

3 EXPERIÊNCIA PRÁTICA

Alguns dos temas enumerados brevemente acima foram explorados por mim junto a alunos de graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A disciplina *Seminário de História e Comunicação*, de caráter

História para quê?

A construção do conhecimento em Comunicação e as contribuições dadas pela História e pela teoria historiográfica

eletivo (facultativo) recebia estudantes de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, a maioria com conhecimento histórico muito deficiente, advindo tão somente do ensino médio.

A experiência com a disciplina teve duas fases. Na primeira, busquei trabalhar com os alunos temas coincidentes na Comunicação e na História, a partir de uma perspectiva teórica, porém sempre em relação a contextos práticos específicos. Temas como a representação do passado, a visão recíproca de ambos os campos, a entrevista na Comunicação e a História Oral, os limites da verdade factual e a procura dos significados estavam presentes. Também integrava o programa o debate acerca da produção de documentários e dos programas de preservação da memória, tanto em âmbito institucional (público ou privado) quanto empresarial.

A proposta final era explorar as inter-relações possíveis – o que cada área poderia oferecer para enriquecer a prática do profissional interessado nas relações entre História e Comunicação. Tal prática era entendida, no entanto, como alicerçada em uma visão teórica (que, de resto, sempre existe, mesmo que não esteja explicitada ou até mesmo assumida).

As aulas baseavam-se no sistema clássico de seminário, com discussão e apresentação de textos (pelos alunos, com intervenções da professora) previamente definidos. Também foram utilizados recursos audiovisuais, como apresentação de filmes, vídeos ou cartazes. A escolha dos textos era bastante eclética. Autores como o cronista Luis Fernando Verissimo e o jornalista Élio Gaspari eram confrontados com as contribuições de acadêmicos como Carlo Ginzburg, Marieta de Moraes Ferreira, Beatriz Kushnir e Marialva Barbosa. Em um dos encontros, por exemplo, quando se discutiu a relação entre História e Propaganda, optou-se por conjugar o artigo *Fascinante fascismo*, de Susan Sontag (1986), com uma breve crítica cinematográfica de Ruy Castro (*Leni Riefenstahl – As Olimpíadas, como nunca mais*, 2006), e com a exibição de trechos dos filmes *Triunfo da vontade* e *Olympia*, da cineasta alemã Leni Riefenstahl, cuja obra artística é marcada pela filiação ao nazismo. A discussão sobre História Oral e entrevista jornalística foi pontuada por contribuições de Alessandro Portelli (1997), por uma excelente entrevista feita com o jornalista

Alberto Dines justamente sobre entrevista jornalística (CRIPPA, 1998) e pela exibição de trechos do filme *Edifício Master*, de Eduardo Coutinho.

Neste sentido, procurou-se compreender a utilização das entrevistas como forma de acessar a maneira como acontecimentos foram interpretados e reconstruídos na e pela memória do grupo, na acepção proposta por Portelli: “a primeira coisa que torna a História Oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados.” (1997, p. 31). Portanto, a memória (e suas infidelidades) pode ser vista como um processo ativo de criação de significações sociais no qual as exigências do passado, do presente e do futuro tentam se arranjar numa narrativa coerente. As formas como os depoentes elaboram oralmente o passado revelam o seu esforço em nele buscar sentido e dar forma às suas vidas (PORTELLI, 1997, p. 33). Tal acepção afasta-se das características das entrevistas jornalísticas tradicionais, porém aproximam-se do trabalho desenvolvido por Coutinho⁴ e outros profissionais.

O principal desafio enfrentado foi o alto grau de comprometimento intelectual exigido dos alunos, no sentido de que várias discussões necessitavam de um *mergulho* nos textos a que nem todos estavam dispostos. O próprio sistema de seminário pede ao menos a leitura e o estudo regular dos textos apresentados. Sendo uma disciplina eletiva, muitos se matriculavam para angariar créditos para seus currículos. Essa dificuldade, observada desde o início, foi o que motivou o uso mais intensivo dos recursos audiovisuais em sala de aula bem como uma cobrança constante das leituras e do comprometimento dos estudantes com o curso. De modo geral, os alunos de Relações Públicas tinham mais facilidade de assumir a leitura regular de textos como obrigação discente. Os estudantes de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda, por sua vez, eram usualmente protagonistas de inferências criativas a partir das leituras, mas nem sempre conseguiam impor a si uma disciplina intelectual regular de aproveitamento dos conteúdos.

O curso previa um trabalho final individual, utilizando textos e conceitos trabalhados durante o semestre, porém de temática livre, a ser escolhida por cada aluno e discutida previamente com a professora. Algumas produções

⁴ Sobre a obra de Eduardo Coutinho e seu processo de criação, uma boa referência é Lins (2004). Para uma reflexão do próprio cineasta sobre a relação entre o seu fazer e a metodologia da História Oral, ver Coutinho (1997).

História para quê?

A construção do conhecimento em Comunicação e as contribuições dadas pela História e pela teoria historiográfica

300 | revelaram-se de uma riqueza quase surpreendente, tanto pela temática quanto pela compreensão e utilização dos textos como estímulo para inferências. Outras deixaram a desejar. Entre os assuntos aventados pelos estudantes e abordados por eles, cito como exemplo: a análise do noticiário sobre o AI-5 no *Correio do Povo*, de 14 a 31 de dezembro de 1968; uma leitura histórica da ditadura argentina a partir da análise das histórias em quadrinhos da personagem Mafalda, de Quino; o fenômeno da demanda por projetos de resgate e construção de histórias institucionais a partir da perspectiva da História e das Relações Públicas; a fotografia jornalística como fonte para a História, contrapondo a suposta fidelidade imagética do meio ao real à escolha pelo fotógrafo do que será retratado; a publicidade brasileira durante a II Guerra Mundial e como o conflito influenciou o teor das mensagens divulgadas a respeito dos produtos; a cobertura jornalística da morte de Tancredo Neves a partir do depoimento de profissionais que cobriram o evento; o trabalho de pesquisa (captação de imagens e depoimentos) desenvolvido na realização de um filme documentário – do qual o aluno integrava a equipe de produção –, a partir de textos sobre História Oral, biografia e entrevista estudados em sala de aula.

Passados dois semestres, resolvi alterar a proposta do curso, a partir do interesse reiterado dos alunos em relação à história recente do país (em especial sobre a ditadura militar e o contexto 1964/1968) e do seu quase completo desconhecimento de informações básicas a respeito da conjuntura política, social e cultural desse período. O curso focou-se no chamado 'conteúdo histórico', mas a teoria continuou a definir-lhe o sentido. Uma opção foi, por exemplo, fazer uma história retrospectiva, inspirada na reflexão de Marc Bloch, para quem os historiadores "frequentemente têm proveito em começar a ler [a história] 'às avessas', a partir do mais recente para chegar ao mais remoto." (2001, p. 67).

Assim, o programa iniciava-se com a renúncia e o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, e ia regredindo no tempo até chegar ao contexto pré-golpe de 1964. Entre os temas abordados, estavam a Nova República, as *Diretas Já*, a censura aos meios de comunicação e os jornais alternativos dos anos 1970, a publicidade e o milagre econômico, a Assessoria

Especial de Relações Públicas do regime militar, a luta armada. O caráter retrospectivo obrigava a uma constante retomada dos conteúdos anteriores e dificultava uma visão determinista da história nacional, na medida em que os acontecimentos tinham de ser compreendidos primeiramente em si mesmos, para só depois serem relacionados aos contextos anteriores.

Além de promover um maior conhecimento dos alunos a respeito do passado recente do país (e por consequência do momento presente), a proposta visava compreender a Comunicação como esfera de produção de conhecimento histórico e capacitar os estudantes ao trabalho de crítica e avaliação desta produção, bem como ao conhecimento das narrativas historiográficas. Por isso, a ênfase na produção jornalística e publicitária do período, bem como em iniciativas no âmbito das Relações Públicas.

Os mesmos desafios verificados na proposta anterior da disciplina apareceram aqui. A diferença principal foi no desenvolvimento prático da proposta (as aulas seminário transformaram-se em aulas expositivas, com debates eventuais e algumas dinâmicas de grupo para auxiliar a compreensão dos conteúdos) e na riqueza dos trabalhos finais, que se revelou bem menor do que na proposta anterior. Em compensação, foi introduzido um trabalho de pesquisa de fatos históricos do período a partir de notícias de jornal (no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa) no meio do semestre, que se revelou bastante fértil. Muitos alunos ficaram conhecendo o museu a partir deste trabalho e, mais do que isso, revelaram-se surpresos ao descobrir divergências entre as narrativas históricas *a posteriori* de determinados acontecimentos e o noticiário jornalístico da época, tanto em termos de detalhes quanto de enfoque.

4 CONCLUSÃO

História para quê? Essa é a indagação do título desse relato de experiência. No texto acima, procurei demonstrar ou defender a existência de conexões importantes entre o conhecimento do campo da Comunicação e da História. Noções como representação ou memória são cruciais para o desenvolvimento de ambos, e o diálogo teórico e prático de especialistas só poderá fazer evoluir a produção e a contribuição das áreas.

História para quê?

A construção do conhecimento em Comunicação e as contribuições dadas pela História e pela teoria historiográfica


Mas a História representa para os comunicadores não apenas uma oportunidade de diálogo profícuo em termos teóricos. Como quis deixar claro na segunda parte dessa comunicação, o estudo da História é uma demanda dos alunos, na medida em que, como profissionais em formação, eles necessitam ter uma compreensão clara do universo no qual estão inseridos. E isso é impossível sem a História. Não apenas sem a informação histórica, que é, sem dúvida, importante. Mas essencialmente sem a compreensão da História como um devir no tempo, e do passado como algo a ser eternamente reconstruído no presente, ou seja, em noções da Teoria da História.

Sem essa compreensão, nossos alunos tornam-se presas fáceis de ideias preconcebidas, formalismos vazios e reflexões primárias sobre o mundo em que vivem. Visão essa que tratarão de difundir pela sociedade através de sua produção. Formá-los como cidadãos conscientes, bem informados e capazes de pensamento crítico alicerçado em conhecimento humanista e reflexão interdisciplinar é contribuir para que a produção futura dos meios de comunicação evolua além da mediocridade.

Esse diálogo, porém, precisa ser uma via de duas mãos. Se a Comunicação tem muito a ganhar com a relação mais próxima com a História, a recíproca é verdadeira, e talvez até mais importante. Exemplifico. Ministrei, certa feita, uma oficina de História Oral num curso de especialização de uma faculdade privada gaúcha, destinado a aglutinar interesses de alunos com origem profissional nos campos da Comunicação e da História. Em determinado momento, propus uma experiência: separei a turma pelos cursos e pedi a cada grupo uma proposta para um programa fictício de preservação da memória a ser implementado por um município vizinho.

Os alunos de Comunicação apresentaram uma proposta formalmente muito atrativa, já definida em termos de meio a ser produzida (um vídeo) e mesmo em seu roteiro, em linhas gerais. Um morador seria acompanhado em sua bicicleta, a qual teria uma câmera de vídeo acoplada, e contaria a história do município enquanto pedalava pela cidade. O grupo da História não tinha ideia alguma sobre a apresentação formal; seu foco foi planejar a pesquisa nos arquivos e definir perguntas a partir das quais as fontes seriam consultadas. Uns entendiam o passado como um discurso intercambiável a preencher uma

moldura formal e atraente; outros não supunham de antemão a necessidade de refletir a respeito de uma apresentação atraente para sua produção.

Ao final, ambos os grupos chegaram à conclusão de que precisavam unir suas ideias e esforços. Em resumo, é um pouco isso que proponho. Não podemos pensar em Comunicação sem levar em conta que há algo a comunicar e boa parte desse algo é História. E a História hoje não pode mais prescindir da habilidade dos comunicadores em dialogar com seu público, sob o risco de tornar-se um feudo encastelado e isolado nas muralhas acadêmicas. Que esse diálogo seja profícuo, pois “a ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação.” (BLOCH, 2001, p. 63). 

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BARBOSA, Marialva Carlos. **História cultural da imprensa – Brasil 1800-1900**. Rio de Janeiro: MauadX, 2010.

_____. **História cultural da imprensa – Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: MauadX, 2007a.

_____. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EdUFF, 2007b.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutemberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CASTRO, Ruy. Leni Riefenstahl – As Olimpíadas, como nunca mais. In: _____. **Um filme é para sempre**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 364-371.

COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 162-192, abr. 1997.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DINES, Alberto. Entrevista. In: CRIPPA, Marcos (Org.). **Entrevista e ética**. Uma introdução. São Paulo: Educ, 1998.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**: televisão, cinema e vídeo. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

História para quê?

A construção do conhecimento em Comunicação e as contribuições dadas pela História e pela teoria historiográfica

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, jan./jun. 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jul./dez. 1989.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Acontecimento jornalístico e história. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010, p. 43-62.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). **Comunicação e História**: interfaces e novas abordagens. Rio de Janeiro: MauadX, 2008.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre História e Jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999. p. 119-126.

SONTAG, Susan. Fascinante fascismo. In: _____. **Sob o signo de Saturno**. Porto Alegre: LP&M, 1986.

SPERANZA, Clarice Gontarski. Testemunhas ou fontes: relações e desencontros entre jornalistas e historiadores. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 235-251, jul./dez. 2006.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da UnB, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.